

O GLORIOSO CICLO DO TROPEIRISMO

(Continuação da página 10)

tão. A tropa começava a engordar, devido à excelência das pastagens, a fartura das aguadas (tornando-se a viagem um divertido passatempo para os viandantes, graças ao pouco trabalho e farta alimentação).

Logo que cruzavam a restinga de Imbituva, avistavam o casario de Ponta Grossa, a oito léguas de distância, e cada um dos viandantes só pensava em desforçar-se fartamente das fadigas da jornada. O grande romancista brasileiro Paulo Setubal, immortalizou essa passagem em versos de ouro:

Que viaje!... Eta festa... Nossa!

No dia em que Ponta Grossa

Despontava no espigão.

Depois de envernarem três ou quatro meses nos Campos Gerais, as tropas prosseguiram a viagem com destino a Sorocaba, indo repousar numa bela campanha, distante duas léguas da Manchester Paulista. Aí se realizava a grande feira de muares, durante os meses de Maio e Junho, comparando à mesma compradores procedentes de várias províncias, a saber: Paulistas, mineiros, baianos e cariocas. Os vendedores e compradores ficavam três ou quatro semanas se "namorando", sem efetuarem transação alguma. Realizada a primeira venda, seguiam-se imediatamente os demais negócios de mulas, baseados no preço inicial. Em 1860 verificou-se um colapso na feira, devido à ausência de mineiros e baianos, sobrando metade das tropas expostas à venda.

Realizada a venda, da tropa, os paranaenses regressavam, à toda pressa, para os seus pagos, com intuito de assistirem às festas do Divino Espírito Santo, que se realizavam com grande pompa, rematadas por deslumbrantes cavalhadas. Os que não chegavam a tempo de assistirem a festa do Divino, permaneciam por aqui até a festa de Santa Ana, que alcançava, sempre, grande brilhantismo. Para termos idéia de quanto eram concorridas tais festividades, lembrarei que pelo ano de 1893, meu quarto avô, Manoel Lemos Conde, carneou vinte vacas para hospedar os convidados à festa do Divino, em Castro, avaliadas em conjunto por 38.000.

Os tropeiros mais abastados e audazes, os centauros das coxilhas e sertões inóspitos, iam até a fronteira do Rio Grande, a fim de adquirir as tropas diretamente dos grandes criadores, andando de estância a estância, comprando lotes de cinquenta a cem muares, até perfazer aproximadamente um milheiro de cabeças, efetuando o pagamento em moedas metálicas, pois somente em 1870, foi que se apresentaram as primeiras "pelegas" (dinheiro papel) na campanha gaúcha. Anteriormente, circulavam apenas as moedas de ouro e prata, sendo o preço das bestas mencionado em patações de 2\$000. Nos fins da guerra do Paraguai, regulava doze patações o preço de cada burro, na Fronteira sulina e na feira valia 70\$000. Os tropeiros que negociavam com dinheiro a juro, bem como os retardatários, contin-

avam-se em comprar tropas de segunda mão, nas cercanias de Cruz Alta, em lotes de 300 a 500 bestas, pagando vinte por cento mais caro do que na Fronteira. Tanto os primeiros como os últimos, conduziam suas tropas ao Paraná, estacionando alguns meses nos Campos Gerais, afim de apresentá-las em bom estado na feira das campanhas do Tingá, em Sorocaba.

As longas jornadas dos tropeiros eram entrecortadas de perigos de toda a espécie, sobre as quais se poderia escrever longos romances. Além dos encontros com selvícolas vingativos e traíçoeiros, da tocaia armada pelas onças e serpentes venenosas, devemos salientarmos, em primeiro plano, a travessia dos rios caudalosos, que quase diariamente era preciso vará-los à vau, ou acomodado em frageis canoas. O episódio mais impressionante, que nenhum tropeiro jamais esqueceria, era o lançamento da tropa no rio Uruguai, que media aproximadamente dois quilômetros de largura, nas épocas normais. Qual o tropeiro que não sentiria calafrios toda sua fortuna sumir-se nos torvelinhos do caudaloso rio, avistando apenas as orelhas do inquieto bicharedo que, aos poucos, ia se confundindo com as águas revoltas?

Tôdas as tropas que cruzavam o Goien, pagavam algum tributo às águas do majestoso rio. Nessa travessia, 1891, meu pai perdeu 84 mulas afogadas, devido a um redemoinho de muares no meio do rio, que se encontrava muito cheio. A tropa foi vendida no ano seguinte em Sorocaba, alcançando 130\$000 por cabeça, proporcionando bom lucro. Em 1897, já se vendiam tropas em São Paulo, à razão de 180\$000, sendo essa alta vertiginosa causada pela revolução federativa. Foi em 1891 que se verificou, nos Estados sulinos, a maior chuva de que há memória, morrendo afogadas centenas de pessoas no cruzamento dos rios, cujas águas alargaram as margens, cobrindo extensos vargados.

O Iguacú fez uma verdadeira roçada, de duzentos metros de largura em cada margem, e os outros rios praticaram façanha semelhante, em menor escala.

O cruzamento do Chapecó era sumamente perigoso para os viandantes, obrigados a passar à vau sobre um espinhaço de pedra tendo, de um lado, um poço enorme e profundo e, do outro, uma alta cachoeira, cujo bramido se ouvia à grande distância. Do lado de cá, se achava instalado o posto fiscal, que rendia mais do que a alfândega de Paranaguá. As barreiras, ao longo das estradas, eram a viga mestra da arrecadação estadual. Se as tropas permanecessem no Estado mais de um ano, teriam de pagar novo imposto em Itararé. Os animais creoulos do Estado pagavam o imposto de exportação, equivalente ao das tropas em trânsito, que se pagava no Chapecó.

O tropeiro foi o bandeirante pacífico, que efetuou o povoamento definitivo dos campos desertos de Palmas e Guarapua-

va, es timulando a pecuária e ensinando a agricultura aos selvícolas recém-domesticados. Ele animava as solidões com o tropel de sua cavalhada e afugentava os tigres traíçoeiros com os brados que soltava estugando a marcha da tropa. O sincerro foi a trombeta da civilização que despertou a paz dos ermos paranaenses, estimulando o trabalho e infundindo coragem, tanto nos homens como nos muares cansados de subir tantas serranias.

Se não se registrasse o intercâmbio de pecuaristas, o Sul teria permanecido mais meio século isolado do centro e Norte do país, o Paraná vegetaria numa pasmacera acabrunhante, até que a lavoura paulista entrasse em decadência, fato que a partir de 1935, precisamente na época em que o tropeirismo desaparecia definitivamente, em virtude de um decreto do interventor estadual, que proibiu a circulação de carroças grandes e tropas nas estradas paranaenses. Essa medida despótica asfixiou o tropeirismo arruinando a pecuária e a pequena lavoura do sul do Estado, pois êsses três elementos estavam intimamente ligados. Desaparecendo as carroças e tropas de almocreves, escasseou o mercado para o negócio de animais. Por outro lado, a lavoura campesina, que auferia o maior lucro com a venda de feno, ficou sem freguezes para as forragens que produzia.

Sem as grandes valgadas do tropeirismo progressista, que movimentou grandes capitais e permitiu o aproveitamento integral de nossas campanhas nativas, o Paraná teria permanecido ermo e despovoado e hoje figuraria entre os Estados mais atrasados da federação. O significado social, político e econômico do tropeirismo, não pode ser apreciado numa simples crônica. Ponta Grossa deve seu estuante progresso, até a época do Centenário, toda sua riqueza e prestígio, quase exclusivamente à pecuária, da qual o tropeirismo é a última etapa. Nos bons tempos do tropeirismo nossas fazendas se encontravam repletas de gado e reinava grande prosperidade nos campos sulinos, sendo exportado anualmente algum excesso de gado para os mercados paulistas.

Quando o negócio de tropas entrou em decadência, também nossos campos começaram a ficar despovoados, por falta de invernaadores, e o desânimo se apoderou dos fazendeiros tradicionais, que mudaram de ramo, relegando a pecuária a um plano inferior. E qual foi o resultado? Precipitou a destruição da riqueza florestal do Paraná, e a nossa pecuária caiu a tal ponto, que hoje estamos importando anualmente milhares de bois para o consumo local.

Rendamos, pois, nossas homenagens aos titãs que palmilharam os penosos caminhos paranaenses, durante quase um século, disseminando a riqueza, o progresso e bem estar, valorizando os produtos da lavoura e pecuária nacional, realizando uma grandiosa obra de confraternização e brasilidade!